

Bakhtin, Foucault e Pêcheux na Análise de Discurso: problema sociológico ou epistemológico?

Roberto Leiser Baronas•

• Professor de Lingüística e Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Alto Araguaia/MT e Professor no Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – MeEL/UFMT – Cuiabá/MT.

Abstract: On several researches those intend to belong to the Analysis of Discourse on French orientation, published on different annals, from national events and international ones, it's possible to evidence the recurrence of the affirmation: this research is based on the Bakhtin, Pêcheux and Foucault ideas. The our intention in this event is to argue the reiterated presence of this pre-constructed in researches those search to belong to the AD ones. Is this search of belonging to the “sintagma grife” Analysis of Discourse an attempt of legitimating of these researches, searching to give a minimum of authority, inserting oneself in what would be the true theoretician of the time? Or, in contrast, is the belonging one more indication of the crises of generalized identity that affects the disciplinary divisions on the linguistic area.

Key words: Analysis of Discourse, Writing of the history of the Analysis of Discourse; Philosophy of Linguistic

Resumo: Em diversos trabalhos que procuram pertencer a Análise de Discurso de orientação francesa, publicados em diferentes anais, tanto dos eventos nacionais quanto dos internacionais, é possível constatar a recorrência do enunciado ou de suas paráfrases: *este trabalho se fundamenta na AD francesa a partir das idéias de Bakhtin, Pêcheux e Foucault*. Nosso propósito neste artigo é discutir a presença reiterada deste pré-construído em trabalhos que buscam pertencimento a AD. Essa busca pelo pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso se constitui numa tentativa de legitimação desses trabalhos, buscando darem-se um mínimo de autoridade, inserindo-se naquilo que seria o verdadeiro teórico da época? Ou ao contrário, o pertencimento se constitui em mais um dos indícios da crise de identidade generalizada que afeta as divisões disciplinares da lingüística?

Palavras-chave: *Análise de Discurso; Escrita da História da Análise de Discurso; Filosofia da Lingüística.*

1. Primeiras palavras

Início este meu texto falando do lugar do principiante em história do discurso, correndo todos os riscos que essa posição enunciativa traz como conseqüência. Quando lemos diversos trabalhos e/ou resumos atuais que procuram pertencer a Análise de Discurso de orientação francesa, publicados nos mais diversos anais e/ou cadernos de

resumos tanto de eventos nacionais¹ quanto de eventos internacionais, é possível constatar a recorrência do enunciado ou de suas paráfrases: *este trabalho se fundamenta na análise do discurso francesa a partir das idéias de Bakhtin, Pêcheux e Foucault*. Numa leitura acurada dos trabalhos, no entanto, é possível constatar a presença de conceitos que pertencem desde a Retórica Aristotélica até conceitos advindos da Análise da Conversação, conceitos esses forjados em bases epistêmicas, bastante divergentes daquelas da Análise de Discurso francesa.

Nossas hipóteses de trabalho para este texto, longe de tentar descrever e explicar o estado da arte da Análise de Discurso ou propor perspectivas de trabalho para o que seria a “verdadeira” Análise de Discurso de orientação francesa, são discutir com um pouco mais de profundidade a presença reiterada deste pré-construído nos trabalhos que buscam pertencimento a Análise de Discurso. Essa busca pelo pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso se constitui numa tentativa de legitimação desses trabalhos, buscando darem-se um pouco mais de autoridade, inserindo-se naquilo que seria o verdadeiro teórico da época? Ou ao contrário, tal pertencimento se constitui em mais um dos indícios da crise de identidade generalizada que afeta as divisões disciplinares tradicionais da lingüística e, por extensão afetaria também a Análise de Discurso? Ou ainda, tal pré-construído seria uma espécie de representação metonímica do *pluralismo teórico inevitável* enunciado por Franchi em 1994 no tocante à Lingüística e pelo qual a Análise de Discurso passa desde a morte de seu principal teórico, Michel Pêcheux, no início dos anos 80 na França? Para tal discussão, fazendo-os ranger, mobilizamos os trabalhos de Jean-Jacques Courtine (1999), Dominique Maingueneau (2005a e 2005b) e Guilhaumou (2005a e 2005b).

2. Tentativa de pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso

Acredito inicialmente que poderíamos tentar dar conta minimamente dessa problemática pensando essa busca como uma espécie de tentativa de diálogo contratual com um macro-discurso citado e legitimado pela comunidade científica, sobretudo a

¹ Em uma rápida pesquisa que realizamos no Caderno de Resumos do 52º GEL de 2004, constatamos a existência de 80 resumos, distribuídos em 10 seminários de Análise de Discurso, desses, 23 resumos apresentam explicitamente no seu conteúdo o enunciado em análise. Por exemplo, “o aparato teórico são as idéias e proposições originárias da Análise de Discurso de linha francesa” ou “de acordo com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa”. Ao pesquisarmos, no entanto, os Anais do GEL, só que do XI Seminário, realizado em São José do Rio Preto em 1985, não há uma publicação sequer em Análise de Discurso.

que se debruça sobre o funcionamento discursivo da linguagem. Em um trabalho ainda inédito aqui no Brasil, publicado na Revista *Langages* 156, em 2004, sob o título de *Hyperénonciateur et participation*², Dominique Maingueneau aborda uma problemática semelhante, evocando um conjunto de ocorrências de citações “sem autor”, certamente bem conhecidas em sua essência, mas que, não foram tratadas conjuntamente. Ele as agrupa sob um mesmo sistema, ao qual denomina de *participação*. O autor neste trabalho não analisa detalhadamente as marcações enunciativas nem propõe um modelo preciso dos fenômenos evocados. Isso segundo o autor poderia parecer prematuro, considerando o baixo grau de estabilidade desse campo. Trata-se, na verdade, de um primeiro esboço que busca lançar um olhar diferente sobre fenômenos que geralmente são abordados por meio de outras perspectivas.

Neste trabalho, Dominique Maingueneau ao analisar gêneros “sem autor” como o provérbio, o adágio jurídico, o *slogan*, o *thesaurus* bíblico, entre outros procura evidenciar que nesses gêneros é possível constatar, além dos “locutores empíricos, os indivíduos que compõem o grupo e, do ator coletivo do qual esses locutores empíricos participam: um partido, um conjunto de manifestantes, uma associação” a existência de um terceiro nível de enunciação o qual denomina de *hiperenunciador*. Trata-se de uma instância enunciativa que “funda os diversos pontos de vista expressos por esse ator: “a Esquerda”, “a Nação”, “o Clube”, etc”. Desse modo, “enquanto [o ator coletivo] tem por referente grupos de locutores que formam uma organização em um momento e lugar determinados, [o *hiperenunciador*] tem por referente entidades de alguma forma transcendentais” que em última instância é quem validam as enunciações.

O autor distingue dois tipos de *hiperenunciador*: o individuado e o “genérico”. “Quando o *hiperenunciador* é *individuado* (Deus, por exemplo) ou quando se trata de um tipo de um SUJEITO UNIVERSAL dóxico (provérbios, adágios...), pode-se lhe atribuir à responsabilidade de conteúdos proposicionais. Com um *hiperenunciador* individuado, a explicitação desses conteúdos deve passar por uma hermenêutica mais ou menos codificada: o que Deus nos quer dizer com isso? Por outro lado, quando não se trata de um *hiperenunciador* individuado ou dóxico (*corpus* humanista, contos populares, orações...), a situação é mais delicada. Trata-se, neste caso, mais de uma

² Tradução brasileira Fábio César Montanheiro & Roberto Leiser Baronas publicada sob o título de *A noção de hiperenunciador* em novembro de 2005 na revista na Polifonia nº 10 do Mestrado em Estudos de Linguagem - MeEL da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

instância responsável por uma memória do que uma consciência propriamente dita. Certamente, fala-se comumente de “espírito” de um grupo, mas trata-se de um *ethos* mais ou menos especificado, não de conteúdos proposicionais. No limite, isso pode ser uma identidade sem propriedades semânticas especificadas: *particitar* um verso de um poeta célebre, por exemplo, corresponde a mobilizar uma instância de *hiperenunção* inominável, aquela que dá sustentação ao patrimônio artístico, cultural, etc de uma comunidade”.

Embora Maingueneau desenvolva os conceitos de *hiperenunciador* e *participação* a partir da análise de gêneros discursivos “sem um autor específico”, acredito que esses conceitos possam ser mobilizados para pensar um tipo especial de citação que é a citação de pertencimento. Nesse tipo de citação, os enunciadores produzem seu discurso com base num discurso segundo, objetivando partilhar do *capital simbólico*³ concentrado no interdiscurso. *Este trabalho se fundamenta na análise do discurso francesa a partir das idéias de Bakhtin, Pêcheux e Foucault* aos olhos da comunidade científica que estuda a linguagem é uma voz que possui uma *eficácia simbólica*, isto é, essa prática analítica é reconhecida pela comunidade científica como uma prática habilitada a produzir esse tipo de discurso. A sua mobilização por um outro enunciador busca justamente partilhar de sua respeitabilidade e de sua visibilidade. Esses efeitos não seriam os mesmos se o enunciador mobilizasse uma prática analítica que se filia a uma lingüística estrutural, por exemplo.

Com base em Maingueneau (2004) podemos dizer que o pré-construído *este trabalho se fundamenta na análise do discurso francesa a partir das idéias de Bakhtin, Pêcheux e Foucault* seria uma espécie de *hiperenunciador particitado* pelo enunciador para mobilizar uma espécie de *thesaurus* de saberes discursivos, uma *hiperenunção* que garante a legitimidade da enunção não pelo que é enunciado, mas principalmente por um sujeito universal que fala por meio do enunciador. Ou seja, o enunciador ao mobilizar esse *thesaurus* de saberes discursivos além de mostrar ao seu destinatário o seu pertencimento a uma determinada comunidade enunciativa busca gozar da mesma autoridade dos seus enunciadores legitimados.

Diante do que foi dito, poderíamos asseverar que essa busca pelo pertencimento ao “sintagma-grife” *Análise de Discurso* se constitui muito mais num problema

³ Como bons ladrões de palavras, tomamos de empréstimo esse conceito de Pierre Bourdieu, 1996.

sociológico do que num problema epistemológico. Essa hipótese, entretanto desconsidera entre outras questões a escrita da história da própria Análise de Discurso. Desconsideração essa que nos autoriza a questionar: em que medida a Análise de Discurso, pela sua própria natureza transdisciplinar - lingüística, marxismo e psicanálise, pelo seu interesse por temáticas que estariam mais próximas dos pesquisadores, a mídia com as profundas transformações pelas quais têm passado nos últimos anos, por exemplo e, também pela sua falta de um aparelhamento conceitual e metodológico “mais forte” não se constitui ela mesma como reconhece D. Schiffrin (1994, p.407) “numa das zonas mais vastas e menos definidas da lingüística”? O que implicaria ver a Análise de Discurso como uma espécie de caleidoscópio teórico-metodológico das discursividades.

3.Uma crise de identidade generalizada

Ao olharmos com um pouco mais de profundidade as bases epistêmicas que constituem as mais diversas Ciências Humanas e Sociais na atualidade podemos perceber a existência de um diálogo epistêmico bastante intenso entre elas. Ciências que até bem pouco tempo atrás primavam por certo purismo epistêmico, procurando salvaguarda-lo a todo custo com hipóteses *ad hoc* e com isso construindo o que Lakatos (1970) denomina de “cinto de proteção”, atualmente vêm tentando compatibilizar aquilo que seria inconciliável⁴. A irrupção de conceitos como os de interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e mais do que isso a recomendação das políticas de pesquisa formuladas pelas companhias de fomento quer sejam privadas ou estatais para que os trabalhos de pesquisa sejam cada vez mais inter; trans e multidisciplinares potencializam a existência de fronteiras epistêmicas bastante fluidas entre as Humanidades. O próprio termo Humanidades é emblemático dessa interação epistêmica atual entre as Ciências Humanas e Sociais.

⁴ Tomo com exemplo de compatibilização de bases epistêmicas inconciliáveis trabalhos que buscam, por exemplo realizar uma interface entre Análise de Discurso francesa caracterizada por práticas analíticas teórico-abstratas que procuram compreender o funcionamento discursivo de campos discursivos como o discurso religioso, o político, o pedagógico, entre outros e a Análise Crítica do Discurso anglo-saxã caracterizada por práticas analíticas mais empiristas, cujo objetivo é trabalhar com espaços discursivos em que se evidenciam práticas sexistas, racistas, entres outras.

No caso específico da Análise de Discurso o dispositivo teórico-político tal qual fora pensado por Pêcheux e seu grupo no final dos anos sessenta ao caminhar de uma Análise *do* Discurso para uma Análise *de* Discurso, principalmente depois da sua morte em 1983, justamente para dar conta de outros objetos discursivos que não só o político foi sendo gradativamente desviado do seu percurso primeiro, que era o de articular lingüística e história, tomando uma configuração que se aproximou cada vez mais das perspectivas formalistas, as quais, no fundo, concebem o discurso como um exemplo de língua. A ênfase cada vez maior em uma abordagem empirista em detrimento de uma prática analítica teórico-abstrata teria a ver também com certa confusão entre discurso e Análise de Discurso, ou seja, haveria uma identificação espontânea entre o objeto empírico e a disciplina que estuda esse objeto. Embora aparentemente boa, a hipótese levantada não se sustenta.

Acredito que tal mutação é devida em grande parte, não só por essa confusão que identifica objeto e disciplina e pela crise do marxismo, mas, principalmente, pela própria modificação na “ordem dos discursos” no decorrer dos últimos trinta anos. “As mudanças políticas, a evolução das sensibilidades, as mutações tecnológicas conturbaram os regimes de discursividade das sociedades ocidentais contemporâneas” (Courtine, 1999, p. 12). Dizendo de outro modo as palavras de Courtine, as transformações das análises de discursos são de algum modo o reflexo das mutações que o próprio discurso como objeto de estudo vem sofrendo. Assim no entender de Courtine (1999, p. 12)

Não se faz a mesma Análise do Discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de *talk-shows* televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma Análise do Discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polémicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais.

Penso que nós analistas de discurso na tentativa de dar conta do objeto multissemiótico que se transformou o discurso nos últimos anos passamos a lançar mão de outros dispositivos teórico-analíticos que não somente aqueles forjados no interior de nossa própria epistemologia. Ademais, há trinta anos bastava apreender o discurso como um intrincamento de um texto e de um lugar social, atualmente na sociedade

multimidiática em que vivemos é preciso, além disso, compreender, por exemplo, o papel, a natureza e a função da mídia na produção, circulação e recepção dos discursos.

4. Conclusões preliminares

A mudança na ordem dos discursos, no seu regime de materialidades seria então a responsável pela mudança nas práticas de análise das discursividades atuais. Jacques Guilhaumou em artigo ainda inédito⁵ aqui no Brasil, publicado nos Anais do evento *De l'analyse du discours à celle d'ideologie: les formations discursives*, realizado na Universidade de Montpellier em abril de 2002, sob o título de *Les historiens du discours et la notion-concept de formation discursive: récit d'une transvaluation immanente* procura evidenciar como um dos conceitos-chaves da Análise de Discurso, o de formação discursiva, teria passado por um processo de transvaliação imanente até ser definitivamente abandonado pelos pesquisadores do discurso no início dos anos 80 na França. Assevera Guilhaumou (2005):

para dizer a verdade, a crítica do historiador do discurso remete, então, essencialmente, sobre o peso do metadiscorso que tende a colar o analista de discurso em uma exterioridade ideológica. Duvidosa em veicular insidiosamente esse metadiscorso, portanto, em tornar inacessível a materialidade própria dos textos, a noção de formação discursiva cai em desuso.

Além do caso dos historiadores do discurso, a formação do grupo de pesquisa “análise de discurso e leitura de arquivo”, em 1982, sob a direção de Michel Pêcheux, marca bem o momento em que essa noção desaparece do campo de reflexão dos analistas do discurso sempre tão preocupados com a materialidade discursiva. Para Jacques Guilhaumou uma nova operação de leitura, *a leitura de arquivos*, retornando à concepção de arquivo para Foucault, é singularmente valorizada. Ela tem a vocação de validar, problematizando-o, o trabalho do arquivo dos historiadores do discurso. Assistimos, portanto, a uma retirada do conceito de formação discursiva e de sua imposição externa em proveito dos recursos interpretativos internos ao arquivo: toda uma série de categorias descritivas toma o lugar do metadiscorso, entregue ao julgamento de saber da historiografia.

⁵ Tradução brasileira Nilton Milanez & Roberto Leiser Baronas, publicada sob o título de *A noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente* na Revista Ecos nº 3 da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

A noção-conceito de formação discursiva é preterida pelos analistas de discurso em prol de se pensar o que Michel Pêcheux (1981) denominou de “deslocamento tendencioso dos sujeitos enunciativos”. Assim, essa noção deixa o lugar para o *sujeito empírico*, um sujeito ao mesmo tempo ancorado em blocos de realidade e tomado em seus efeitos discursivos transversos. A dimensão teórica da análise de discurso se investe de construções abstratas vindas de materiais empíricos – na ocorrência dos elementos da língua empírica – coletadas com base em um *espírito de pesquisa* junto aos atores históricos. “Ela se articula, portanto, mais facilmente com uma *história das práticas languageiras*, evitando, assim, a taxionomia *a priori* dos discursos X,Y,Z que seriam a mesma coisa que formações discursivas” (Guilhaumou, 2005).

No interior mesmo da Análise de Discurso construiu-se uma abertura para se pensar não mais o discurso, mas as discursividades, no entanto fugindo de toda e qualquer redução: do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do discursivo ao sintático. Essa abertura possibilitou também a irrupção de diferentes práticas de análise de discurso. O próprio Michel Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento?* fazendo referência a história do velho marxista que queria construir a sua biblioteca sozinho e, no entanto, era procurado por gente de todo o tipo oferecendo as mais diversas porcas, durante muito tempo dizia “deixem-me tranqüilo, deixem-me fazer meu trabalho, sem complicar ainda mais as coisas com suas porcas”. Entretanto, “agora nenhum marxista daria uma resposta parecida, pois hoje o marxismo procura casar-se, ou contrair relações extraconjugais...”

Mais do que buscar pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso como forma de legitimação do trabalho, o pré-construído em análise evidencia que a Análise de Discurso passa por um processo semelhante ao que a Lingüística vem passando desde o final dos anos sessenta. Processo esse que foi descrito por Franchi (1994) como o de “pluralismo teórico na Lingüística”. Segundo o autor esse diálogo entre as “diversas lingüísticas seria inevitável, visto que o objeto de estudos da lingüística é extremamente complexo e permite visadas teóricas distintas”. Temos então um pluralismo teórico também na Análise de Discurso⁶. O que me autoriza a dizer que o

⁶ Referimo-nos aqui particularmente aos dicionários de Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau *Dictionnaire d'analyse du discours*, publicado pela *Éditions du Seuil*, Paris, 2002 e o organizado por Detrie, C; Siblot, P.; Verine, B. *Termes et concepts pour l'analyse du discours: une approche praxématique* e *Honoré Champion*, Paris, 2001 e também ao nº 9 da Revista Eletrônica Francesa *Marges Linguistiques*,

pré-construído é muito mais uma representação metonímica de uma questão epistemológica mais ampla do que efetivamente um problema sociológico.

5.Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BORGES NETO, J. **Ensaio de filosofia da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- COURTINE, J.J. *O discurso inatingível : marxismo e lingüística (1965 – 1985)*. Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n 6, 1999.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabina Komesu et al. São Paulo, Contexto, 2004.
- FRANCHI, C. *Lingüística no Brasil: o pluralismo necessário – resumo*. Conferência apresentada no I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística, Salvador : Bahia, 1994.
- GUILHAMOU, J. *Ou va l'analyse de discours? autour de la notion de formation discursive*. In: Revista Eletrônica **Marges Linguistiques**, nº 9 maio de 2005. <http://www.marges-linguistiques.com>
- _____. Os historiadores do discurso e a noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente. Trad. Nilton Milanez & Roberto L. Baronas. In: Revista **Ecos** nº 3, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, 2005 (no prelo).
- LAKATOS, I. *O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica*. In: LAKATOS & MUSGRAVE, 1970.
- MAINGUENEAU, D. L'analyse du discours et ses frontières. In: Revista Eletrônica **Marges Linguistiques**, nº 9 maio de 2005. <http://www.marges-linguistiques.com>
- _____. Introduction. In Revista Eletrônica **Marges Linguistiques**, nº 9 maio de 2005. <http://www.marges-linguistiques.com>
- _____. *A noção de hiperenunciador*. Trad. Fabio C. Montanheiro & Roberto L. Baronas. In: Revista **Polifonia** nº 10 – Mestrado em Estudos de Linguagem – Universidade Federal de Mato Grosso, 2005 (no prelo)
- PÊCHEUX, M. *Ouverture*. In: CONEIN, B et al **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- POSSENTI, S. *Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas*. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**, volume 3, São Paulo, Cortez, 2004.

publicado em maio de 2005. Em todos esses suportes textuais é possível constatar a existência de conceitos e artigos das mais diversas correntes de Análise de Discurso. Por exemplo, na Revista Marges há um artigo de J. Guilhaumou, publicado sob o título de *Ou va l'analyse de discours? Autour de la notion de formation discursive*, participante ativo do Grupo de Análise de Discurso coordenado por Michel Pêcheux e um artigo de N. Fairclough, publicado sob o título de *Critical Discourse Analysis*, considerado o criador da Análise Crítica do Discurso.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse**. Oxford, UK and Cambridge, USA: Blakwell, 1994.